

“Em um futuro distópico, não existe mais lugar para onde ir”; Uma entrevista com o cineasta Dhiones do Congo¹

Introdução e perguntas da entrevista por Bárbara Galindo, estudante de doutorado no Departamento de Espanhol e Português da Universidade da Califórnia, Los Angeles, e Ludmila Porto, pesquisadora de pós-doutorado no Departamento de Estudos de Gênero da Universidade da Califórnia, Los Angeles, e professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba.

José Diones Nunes dos Santos, conhecido como Dhiones do Congo, é roteirista, diretor de cinema, presidente da Associação Cultural do Congo e diretor do Festival de Cinema CineCongo, além de professor da Educação Básica do município de Camalaú/PB. Natural do município de Congo/PB, é formado em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); pós-graduado em Psicopedagogia e Supervisão Escolar pela Universidade Cândido Mendes/RJ; licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); mestrando em Ensino de Sociologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG/PROFSOCIO). Dhiones é membro do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas, Gestão Educacional e Participação Cidadã (PPGEPaC), Projeto Cinestésico, UFPB. Atualmente, também coordena o Projeto eDOCação, ofertando oficinas de produção audiovisual para crianças e adolescentes em ambientes educativos.

Em meio à pandemia do novo coronavírus, Dhiones do Congo nos concede essa entrevista virtualmente, para falar sobre sua trajetória como cineasta, iniciada em 2005, com o longa metragem *Palavras de um Menino em Busca de um Sonho*. Tema de seu mais recente e premiado curta-metragem, *Ultravioleta* (2018), a mudança climática e o conseqüente superaquecimento de determinadas regiões são os fios condutores da nossa conversa sobre o novo cinema paraibano.



Dhiones do Congo, em set de filmagem, 2018

Bárbara Galindo e Ludmila Porto – Como você enxerga a evolução na sua trajetória como roteirista e diretor de cinema, a partir do lançamento dos seus dois curtas, *Dito* (2014) e *Ultravioleta* (2018)?

Dhiones do Congo: Há, sem sombra de dúvida, um avanço extraordinário em minha trajetória no cinema, a partir dos meus dois últimos curtas-metragens. Antes de conhecer o cinema, eu já fazia cinema na minha cidade: meu primeiro filme “caseiro” foi um longa-metragem, intitulado *Palavras de um menino em busca de um sonho*. Reuni cinquenta e oito pessoas da comunidade para realizar essa produção. A exibição da obra se deu no dia 25 de dezembro de 2006 (em Natal-RN), agregando, em um ginásio de esportes da cidade, um total de 800 pessoas de todas as localidades, para ver cinema produzido na cidade, por moradores da cidade. Mas foi somente em 2007 que conheci de fato a linguagem cinematográfica, através da Oficina “Aprendendo a ler imagens em movimento”, realizada na municipalidade do Congo/PB, projeto este do renomado cineasta paraibano Torquato Joel (Projeto ViAção Paraíba). Torquato Joel é um dos responsáveis pelo processo de expansão e interiorização do cinema paraibano contemporâneo. Assim, muitas coisas mudaram em minha vida depois desses dois curtas-metragens. Tenho um outro olhar sobre tudo, as paisagens, os sons, a luz e a sombra e, principalmente, as

histórias que me permeiam. Busco a cada dia ser um homem melhor, paciente e esperançoso, mais do que nunca agora, com esse cenário atípico e pandêmico que estamos vivendo.

BG, LP: Conte-nos sobre a sua experiência enquanto diretor de cinema residente na região do Cariri paraibano, que há anos passa por um processo de desertificação.

DC: Viver em uma região que, há décadas, vem passando por um processo de desertificação é algo, obviamente, inusitado. A visão difundida do “Sertão”, historicamente, em nosso país, sempre foi a de terra inóspita e selvagem, diferentemente do olhar mais civilizado e progressista que se tinha do litoral. A problemática da seca no semiárido nordestino sempre serviu de subsídio para os grandes latifundiários da região se perpetuarem no poder junto aos interesses políticos do Estado brasileiro, isso é fato. Contudo, passamos também a buscar alternativas de convivência com o semiárido. Com a interiorização do cinema, muitas alternativas surgiram, como laboratórios de criação de roteiros cinematográficos e produções audiovisuais do próprio estado da Paraíba e adjacentes, como o nosso vizinho Pernambuco, referência do Nordeste no cinema brasileiro. Essas produções acabam contribuindo diretamente para o aquecimento da economia local, o segmento cultural e turístico (ecológico, de aventura, de experiência etc.): depois dos grandes feitos dessas produções, muitas pessoas acabam retornando com caravanas de amigos e familiares para conhecer mais a(s) região(ões).

BG, LP: Como você define o novo cinema paraibano? É possível dizer que existe uma preocupação estética, social e política em desconstruir como o Nordeste é representado no cinema nacional?

DC: Essa é uma das grandes características do novo cinema paraibano: a pluralidade estética, social e política em suas produções cinematográficas. O que corroborou para essa notoriedade imagética foi o processo de expansão e interiorização do cinema paraibano, como já mencionei. Os novos e diversos olhares microrregionais dos realizadores do audiovisual paraibano congratulam o que vemos contemporaneamente nas telas de cinema. Não podemos falar do novo cinema paraibano sem falar, obviamente, do Projeto Jabre - Laboratório Paraíba para Jovens Roteiristas. Este laboratório “desbravador” oportuniza novos cineastas na Paraíba, além do desenvolvimento de importantes linguagens, conceitos, técnica e

estética fílmica. A diversidade cinematográfica existente e latente na Paraíba diferencia o lugar comum e estético, do qual sempre fomos condicionados a ver. O cinema é uma linguagem universal e múltipla, dialoga com qualquer pessoa em qualquer parte do mundo, esse poder fantástico e, também, realista, exercido pelo cinema, apresenta-nos possibilidades de construção e desconstrução de narrativas. As imagens fílmicas que tínhamos do Nordeste no cinema, anos atrás, **não são as mesmas exibidas hoje**. A representação estética que tínhamos do Nordeste nas telonas do cinema vem passando há alguns anos por um processo de resignificação. Destarte, se faz oportuno apropriar-se do cinema como instrumento de denúncia, sejam elas para causas estéticas, religiosas, sociais, culturais ou políticas. O cinema é poderoso e transformador.

BG, LP: O curta *Ultravioleta* é uma distopia que trata de um tempo em que o planeta se encontra em estado extremo para a sobrevivência, causado pelo desastre do superaquecimento. Você poderia expor como surgiu a ideia de abordar o problema climático no seu filme?

DC: O curta *Ultravioleta* é um filme distópico. A ideia do filme surgiu através de leituras realizadas e de uma inquietação particular sobre as ações agressivas externadas pelas pessoas, no tocante à falta de conscientização ambiental. Aproveitei a ideia existente e resolvi adentrar-me em mais leituras sobre a temática ambiental. Escrevi um argumento e enviei para o Laboratório JABRE. Meu argumento foi aprovado e, com isso, passei quatro dias imerso e isolado num hotel fazenda, na cidade de Congo, na época, 2011, estudando sobre linguagem, técnicas e estética do cinema, com exibição de filmes, momentos individuais e outros coletivos. Após o término do JABRE, saí com o primeiro tratamento de roteiro cinematográfico pronto, no entanto, passei ainda quatro anos pesquisando sobre a temática ambiental e suas futuras consequências tanto para os seres vivos como para o planeta, principalmente, ligadas à radiação ultravioleta.

BG, LP: Como “Ultravioleta” dialogaria com representações canônicas do Sertão, como as obras literárias *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, e *Morte e Vida Severina* (1955), de João Cabral de Melo Neto – ambas adaptadas ao cinema, a primeira, por Nelson Pereira dos Santos (1966), e a segunda por Zelito Viana (1977), Walter Avancini (1981) e Afonso Serpa (2010)— e o documentário *Aruanda* (1960), de Linduarte Noronha?



Gravação de cena de *Ultravioleta*

DC: Engraçado, nunca havia parado para pensar nessa perspectiva... Na obra de *Vidas Secas*, a Família de Fabiano é retirante. O contexto social é marcado pela seca e miséria. Em *Morte e Vida Severina*, Severino é também um retirante que caminha duramente pelo sertão rumo ao litoral em busca de uma vida melhor. No filme *Aruanda*, o ex-escravizado e madeireiro Zé Bento caminha com sua família pela terra seca, esturricada, pobre e empoeirada do Sertão; na jornada durante os dias quentes e frios, eles param para descansar. No filme *Ultravioleta*, o homem sai de casa num horário inadequado e perigoso em busca de um remédio, uma raiz para seu filho que se encontra doente. O homem caminha, rapidamente, seguindo um trajeto escaldante, árido e sem volta. O contexto estabelecido é o da seca causado pelo aquecimento do planeta, o qual fez, possivelmente, os últimos seres humanos do planeta se isolarem subterraneamente pela preservação da vida. O cenário da seca é predominante em todas as obras. O diferencial são os contextos sociais apresentados. Uns fugiam da seca em busca de uma vida melhor e, no curta, não existe mais fuga, há uma permanência neste lugar adaptado, pela preservação da vida. Em um futuro distópico, não existe mais lugar para onde ir.

BG, LP: Premiado como melhor filme nos festivais 3º Cine Paraíso (PB) e 11º Curta Taquary (PE), *Ultravioleta* tem sido exibido em

diversas mostras competitivas. Como tem sido a recepção desse curta do ponto de vista da temática que aborda?

DC: A receptividade das pessoas em relação ao curta *Ultravioleta* tem chamado muita atenção, realmente. As pessoas geralmente me descrevem que ficaram impactadas com o filme e, apesar de ser uma ficção científica, dialoga muito bem com a realidade que estamos vivenciando com esse momento da pandemia do novo coronavírus, na relação de isolamento, do uso da máscara, da preservação da vida.

BG, LP: Quais são os seus projetos futuros?

DC: Tenho mais dois roteiros prontos (um, baseado em ditos populares e, o outro, sobre zoofilia na infância), com o primeiro tratamento desenvolvido em outras edições do Laboratório JABRE. Pretendo concretizá-los, mas, obviamente, desta vez, com o financiamento de editais.

Nota

1. Esta entrevista foi editada e condensada, para maior clareza.